

UNIVERSIDADE ALTO VALE DO RIO DO PEIXE
CURSO DE AGRONOMIA

SILVIO LUIZ MIGLIORANZA

MERCADO BRASILEIRO DE SOJA

CAÇADOR
2016

SILVIO LUIZ MIGLIORANZA

MERCADO BRASILEIRO DE SOJA

Relatório de estágio apresentado como exigência para obtenção do título de Bacharel em Agronomia, do curso de Agronomia, ministrado pela universidade Alto Vale do Rio do Peixe – UNIARP, sob orientação do professor Eng. Agrônomo Marcos Westphal Gonçalves.

CAÇADOR
2016

DEDICATÓRIA

A DEUS

'Razão do viver'

AOS MEUS PAIS

'Razão da minha existência e base da minha vida'

A MINHA ESPOSA JULIANA

'Pelo amor, incentivo, apoio companheirismo, suporte, sacrifícios e superações'

AO MEU FILHO LUIZ AFONSO

'Meu incentivo de cada dia'

AOS MEUS AMIGOS

'Pessoas especiais que levo comigo'

OBRIGADO A TODOS QUE FIZERAM PARTE DESSA CAMINHADA.

AGRADECIMENTOS

Agradecer primeiramente a Deus quem me deu sabedoria, discernimento e coragem durante esta longa caminhada.

Agradeço aos professores que levaram o seu conhecimento para essa graduação, em especial ao professor Marcos que me auxiliou nesse trabalho.

Quero agradecer em especial aos meus pais, Celso e Amarilda pelo apoio que recebi, meu irmão Camilo, minha irmã Natalia e minha cunhada Mirielli que sempre estiveram me incentivando.

Quero agradecer também a minha sogra Zélia, meus cunhados Beto e Dague, minhas cunhadas Cristiane, Daiane e Aquila e meus sobrinhos Milena, Amanda e João, que também tiveram participação importante nesta longa caminhada.

E um agradecimento especial para minha esposa Juliana e meu filho Luiz que sem eles estando do meu lado todo esse tempo com certeza esse sonho não se realizaria.

De todo o sofrimento, brincadeiras e a longa jornada que foi, tudo valeu a pena e agora estamos colhendo os frutos.

Esta vitória é minha e de todos vocês.

MERCADO BRASILEIRO DE SOJA

SILVIO LUIZ MIGLIORANZA

Este relatório de Conclusão de Curso foi submetido ao processo de avaliação pela Banca Examinadora para a conclusão do Título de:

Bacharel em Agronomia

E aprovada na sua versão final em _____ (data), atendendo às normas da Legislação vigente da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe e Coordenação do Curso de Agronomia.

Luiz Augusto Grando Padilha

BANCA EXAMINADORA:

Presidente

Membro

Membro

RESUMO

O estágio foi relacionado no município de Caçador – Santa Catarina, na empresa Cooper HF – Cooperativa Agroindustrial dos Produtores de Hortifrutigranjeiros de Caçador. Teve por finalidade a abordagem sobre a origem, a sua expansão no Brasil, as suas principais regiões produtoras, o mercado de soja no Brasil, as importações e exportações, o calendário de plantio dos principais produtores nacionais e internacionais o modelo de comercialização da soja brasileira na Bolsa de Chicago e seus modelos de negociação e as projeções brasileiras. Para isto foi utilizado dos mais diversos métodos de pesquisa. Como resultado temos que a soja é uma grande cultura brasileira de extrema importância em todos os segmentos da cadeia produtiva movimentando vários setores da economia brasileira

Palavras Chaves: Soja, Importação, Exportação, Bolsa de Chicago, Negociação, Projeção.

ABSTRACT

The stage was related to Caçador municipality - Santa Catarina, the company Cooper HF - Agroindustrial Cooperativa of Hunter horticultural producers. Was intended to approach the origin, its expansion in Brazil, its main producing regions, the soybean market in Brazil, imports and exports, planting calendar of major national and international producers the marketing model of Brazilian soybeans the Chicago Stock Exchange and its trading models and Brazilian projections. For this we used the various search methods. As a result we have that soy is a great Brazilian culture is extremely important in all segments of the production chain moving various sectors of the Brazilian economy.

Key words: Soybean, Import, Export, Chicago Stock Exchange, Trading, Projection.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1.....	09
FIGURA 2.....	14
FIGURA 3.....	15
FIGURA 4.....	15
FIGURA 5.....	16
FIGURA 6.....	17
FIGURA 7.....	17
FIGURA 8.....	19
FIGURA 9.....	24
FIGURA 10.....	25
FIGURA 11.....	26
FIGURA 12.....	26

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	08
2. REFERÊNCIAL TEÓRICO.....	09
2.1 A ORIGEM DA CULTURA DA SOJA.....	09
2.2 ASCENÇÃO DA SOJA.....	11
3. MERCADO BRASILEIRO DE SOJA.....	11
3.1 DEFINIÇÕES E CARACTERÍSTICAS.....	12
4. MERCADO MUNDIAL DE SOJA.....	15
4.1 PRODUÇÃO.....	14
4.1.1 IMPORTAÇÃO.....	16
4.1.2 EXPORAÇÃO.....	16
4.1.3 CALENDARIO BRASILEIRO.....	18
5. BOLSA DE CHICAGO.....	20
5.1 COTAÇÃO INTERNACIONAL.....	22
6. PROJEÇÕES.....	23
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
8. REFERENCIAS BIBIOGRÁFICO.....	30

INTRODUÇÃO

O meu relatório teve como base a região de Caçador – meio oeste Catarinense, aonde a cultura da soja ano a ano vem crescendo e se tornando uma cultura de extrema importância para a economia do município e uma excelente forma de renda para o agricultor.

A soja é utilizada mundialmente para muitos fins, como: farmacêuticos, alimentícios, cosméticos, pecuária entre outros. Devido ao seu amplo uso se torna um grão muito consumido no mundo e seu consumo vem aumentando a cada ano.

O Brasil é um grande produtor e fornecedor desse produto no cenário mundial, seu nome está entre os maiores exportadores de soja, sendo essa um importante fator para seus ganhos externos. Nos dias de hoje a produção e qualidade da soja tem uma boa performance no comparativo com outros países produtores, porém esbarra no custo de logística em que o Brasil não dispõe de um sistema de transporte eficiente e barato, resultando um maior custo do produto final para o exportador.

No que se diz respeito a produção e produtividade o Brasil tem muito a crescer, novas tecnologias, cultivares, sistemas de produção e novas fronteiras agrícolas só vem a agregar ainda mais nesse segmento que ano a ano vem produzindo mais e com qualidade.

Com o consumo cada vez maior e os preços cada vez mais atrativos a cultura da soja vem se tornando mais atrativa para o produtor e assim o Brasil vem se consolidando ainda mais como um país produtor de soja e conhecido mundialmente pela sua produção.

Com as projeções de produção e de exportação que temos, podemos afirmar que a soja é um excelente produto que o Brasil tem em mãos para o aumento de receitas como o PIB e crescimento da economia Brasileira.

Este trabalho serviu de grande proveito dentro de empresa em relação a entendimento do processo de comercialização, exportação e importação da soja, aonde futuramente a empresa poderá estar se aprofundando mais nessa cultura.

2. REFERENCIAL TEORICO

2.1 A ORIGEM DA CULTURA DA SOJA

Conforme dados da EMBRAPA (2005), a soja é originária da Manchúria (Mandchuria era o nome antigo), região da China. É uma das culturas mais antigas, era plantada pelo menos há cinco mil anos, espalhou-se pelo mundo por intermédio dos viajantes ingleses e por imigrantes japoneses e chineses. No Brasil, o primeiro relato sobre o surgimento da soja através de seu cultivo é de 1882, no estado da Bahia (BLACK, 2000).

Em seguida, foi levada por imigrantes japoneses para São Paulo, e somente, em 1914, a soja foi introduzida no estado do Rio Grande do Sul, sendo este por fim, o lugar onde as variedades trazidas dos Estados Unidos, melhor se adaptaram às condições edafo-climáticas, principalmente em relação ao foto-período (BONETTI, 1981).

FIGURA 1. MAPA DA ORIGEM DA SOJA



FONTE: ATLAS GEOGRÁFICO 1970.

No Brasil, a expansão da sua cultura verifica-se a partir de 1951, com a primeira “Campanha da Soja”, em trabalho conjunto da Secretaria da Agricultura e do Sindicato da Indústria de Óleos Paulista (GRAZIANO, 1997,).

O seu impulso maior aconteceu em meados dos anos 70, em razão da grande quebra de safra da Rússia e a incapacidade de os Estados Unidos suprirem a demanda mundial. Nesta época o Brasil superou até a China, que era a segunda maior produtora mundial de soja com 8.500.000 toneladas, ficava logo atrás dos Estados Unidos, o maior produtor mundial até os dias de hoje. A produção de soja no Brasil se permitiu por três fatores: em primeiro lugar, o principal produto de exportação agrícola até então vigente (o café) apresentava um declínio de produção e comercialização no mercado mundial (MISSÃO, 2006).

Em segundo, o trigo era a principal cultura do Sul do Brasil, e a soja surgia como uma opção de verão, em sucessão ao trigo nestas épocas do ano. E, por fim, nos anos 60, o Brasil iniciava um esforço para a produção de suínos e aves, o que gerou maior demanda por farelo de soja para ser usado como base da alimentação dos animais (SECEX, 2002). Esta fase coincidiu com o fim do ciclo da extração da madeira no Paraná, tornando-se a cultura central da região oeste. Outro fator de relevância foi o acontecimento da grande geada de 1975 que devastou os cafezais do norte do Paraná. Desta forma os fazendeiros preferiram cultivar soja ao invés do café (MISSÃO, 2006).

Com esses acontecimentos se demonstrava que o comércio da soja poderia tornar-se muito mais importante economicamente para o Brasil, fazendo parte da pauta de exportações agrícolas do país. Isto estimulava o governo a incentivar à produção agrícola, principalmente após o choque do petróleo na década seguinte, que estancou as exportações do setor industrial, fazendo com que houvesse a necessidade de se colocar novos produtos no mercado externo (EMBRAPA, 2006).

O aumento do preço da soja no mercado mundial, em meados de 1970, estimula ainda mais os agricultores e o próprio governo brasileiro. Desde então, o Brasil passou a investir em tecnologia para a adaptação da cultura às condições brasileiras (processo liderado pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária), e passa a competir na comercialização do mercado mundial de soja (MAPA, 2006).

2.2 ASCENÇÃO DA SOJA

A cultura da soja tornou-se economicamente importante para o país a partir da década de sessenta, pois, neste período, a produção do grão no país passou de 206.000 toneladas, em 1960, para 1.056.000 toneladas em 1969. Nessa época, 98% do grão era produzido nos Estados da região Sul do país, a qual combinava as produções de trigo no inverno e soja no verão e também a necessidade de geração de divisas ao país via exportações, e este se tornou um produto utilizado em substituição a outros produtos que se encontravam enfraquecida na pauta das exportações brasileiras, destacadamente a do café. Durante a década de cinquenta, no segundo governo Getúlio Vargas, a política econômica passara por situações que enfraqueceram a base de exportação agrícola do café, que foram agravadas por condições climáticas e campanhas de redução do seu consumo no mercado externo.

No início de 1954 as perspectivas da evolução do setor externo da economia brasileira pareciam favoráveis, havendo certo otimismo do governo em relação às receitas geradas pelo café, o que tirava o setor da pauta das prioridades do governo em detrimento de outras causas mais urgentes. Porém, apesar da boa posição das exportações, o mercado de café começou a retrair-se durante o período, partindo-se de informações recebidas de várias áreas produtoras que indicavam condições meteorológicas desfavoráveis ao cultivo (VIANNA, 1990).

Isso provocou um rápido e grande aumento das cotações do café, o que levou a um estopim de violenta campanha, desencadeada nos Estados Unidos, contra a especulação e o consumo do café, dados os altos preços do mercado. Assim, através da imprensa, os consumidores eram estimulados a consumir menos café e adotar produtos substitutos, o que fez as exportações brasileiras diminuírem abruptamente. Isso levou o país a um colapso cambial difícil de ser controlado, pois a produção de café era responsável por 60% das receitas de exportações brasileiras, e a demanda do produto no mercado mundial possuía baixa elasticidade (VIANNA, 1990, p. 146).

3. MERCADO BRASILEIRO DE SOJA

No contexto mundial e nacional, a soja está inserida economicamente como uma das principais culturas produzidas. No Brasil, a oleaginosa é a principal cultura agrícola atualmente. Segundo dados da Companhia Nacional de Abastecimento

(Conab, maio/15), na safra 2013/14 cerca de 86,12 milhões de toneladas de soja foram produzidas no país, representando 44,5% de toda a produção brasileira de grãos na mesma safra. Para a safra 2014/15, a expectativa de participação da soja aumenta ainda mais. Os dados de maio de 2015 do relatório de safra da Conab apontam um volume produzido de soja pelo Brasil de 95,07 milhões de toneladas, representando 47% dos 202,23 milhões de toneladas de grãos produzidos pelo país. Amplamente difundida devido às suas variadas formas de utilização em diferentes segmentos, a oleaginosa apresenta papel importante para a economia agropecuária brasileira. Em Mato Grosso, o principal Estado produtor, a oleaginosa representou em 2014 aproximadamente 50% do valor bruto da produção (VBP) agropecuária mato-grossense, com representatividade bem acima da segunda atividade de maior projeção, a bovinocultura de corte, com 20%. Em relação à comercialização, a produção brasileira da soja representou cerca de 40% do que foi exportado mundialmente na safra 2013/14. Diante desta grande representatividade mundial, o preço da soja no mercado interno sofre grande influência do mercado externo. Os principais fatores que influenciam a paridade de exportação brasileira são: cotação da soja na Bolsa de Chicago (CBOT), prêmio de exportação, despesas portuárias, frete, câmbio, impostos e outras taxas e comissões (MISSÃO, 2006).

3.1 DEFINIÇÕES E CARACTERÍSTICAS

Pode-se considerar como commodities as mercadorias primárias não manufaturadas, ou parcialmente manufaturadas, de grande exposição no mercado internacional. No mercado financeiro, uma commodity pode ser usada para sugerir um tipo de produto, normalmente agrícola ou mineral, de grande relevância econômica internacional, por ser amplamente negociado entre importadores e exportadores. Existem bolsas de valores de mercados abertos específicas para negociar tais commodities. Geralmente sua produção é realizada em grandes escalas e sua comercialização, dentro de um padrão de qualidade conhecido mundialmente. Por isso, pode-se considerar a complexa soja como uma commodity agrícola (MACHADO, 2010).

A soja é uma das principais commodities produzidas mundialmente, e faz parte do conjunto de atividades agrícolas com maior destaque no mercado mundial. Por ter uma importância considerável globalmente, a sua demanda é de grande

relevância no mercado internacional. A dinâmica do mercado da soja é dividida em países produtores-exportadores e países consumidores-importadora.

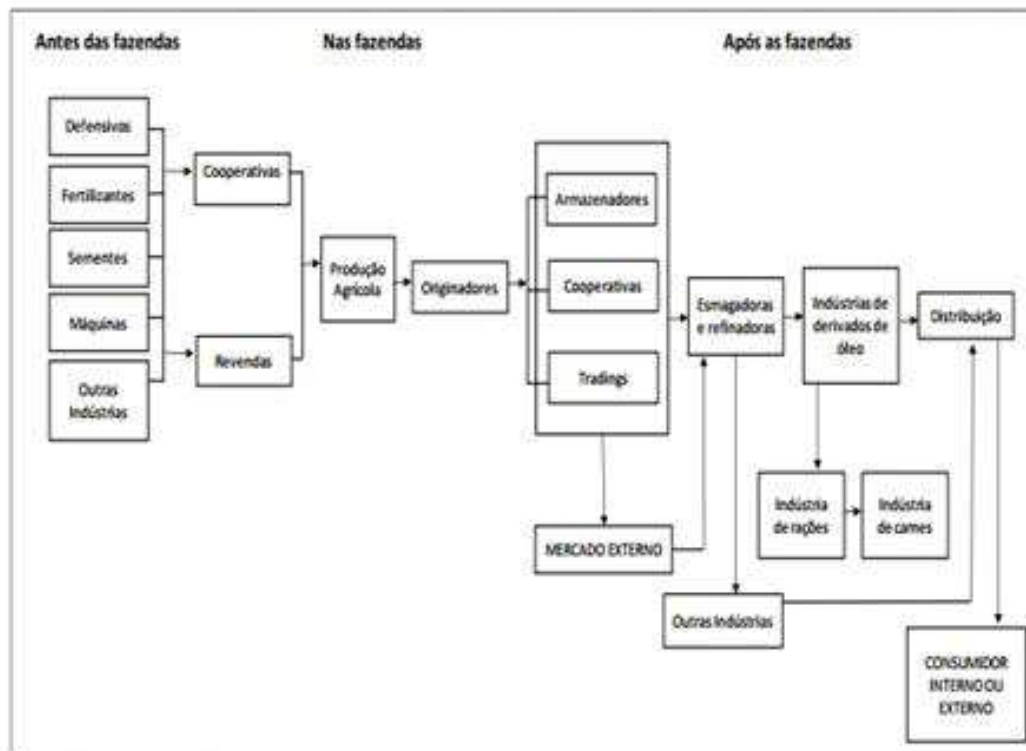
Normalmente, as commodities são cíclicas por definição. Isso significa que a produção é estimulada ou desestimulada de acordo com o preço. Se o preço de algum produto estiver alto, diversos produtores se sentirão “estimulados” a produzi-lo. Se a produção for grande, os estoques aumentam, o preço cai e, conseqüentemente, diversos produtores perdem o interesse por produzir grandes volumes, fazendo com que a safra diminua. Conseqüentemente, os estoques reduzem-se e o preço volta a subir. Não há uma tendência de alta nem baixa eterna, mas sim ciclos, por isso, as commodities como a soja são consideradas cíclicas (NEHMI, 2012).

Para que a soja possa ser utilizada, é preciso que ela passe por um processo de industrialização. Após esse processo são gerados vários produtos, porém dois são os mais conhecidos, o farelo e o óleo de soja. O farelo de soja, com teor proteico de 44% a 48% (se o grão for descascado antes da extração do óleo), é utilizado na maioria das vezes como suplemento rico em proteínas para a criação de animais. O farelo de soja pode ser utilizado ainda como alimento de peixe na aquicultura, na produção de ração de animais domésticos e como substituto do leite para bezerros. Para se obter o farelo de soja, é necessário fazer a torrefação e a moagem da torta da soja, após a extração do óleo com solventes (MISSÃO, 2006).

Já o óleo de soja é rico em ácidos graxos poli-insaturados. Pode ser usado domesticamente como óleo de cozinha e nas indústrias, como tinta de caneta, biodiesel, tintas de pintura em geral, xampus, sabões e detergentes (MISSÃO, 2006). Na indústria alimentar, nos importantes ingredientes da produção de cereais, pães, biscoitos, massas, produtos finos de carne, etc, usa-se a proteína texturizada de soja como substituto da carne. Os isolados de soja (pelo menos 90% de proteína) são ingredientes funcionais empregados em produtos finos de carne e leite. Os usos técnicos dos ingredientes proteicos e da farinha de soja incluem revestimentos de papel e auxiliares de processos de fermentação.

A casca da soja é retirada durante o descascamento inicial dos grãos e contém material fibroso. É usada como forragem grossa e também como fonte de fibras dietéticas de cereais matinais e de certos lanches prontos (MISSÃO, 2006).

FIGURA 2. ESQUEMA AGROINDUSTRIAL DA SOJA



FONTE: IMEA

4. Mercado mundial de soja

4.1 Produção

A soja, além de ser a principal oleaginosa cultivada no mundo, faz parte do conjunto de atividades agrícolas com maior destaque no mercado mundial. Nos dados do mapa 1, percebe-se que 82% da produção mundial concentra-se em apenas três países: Estados Unidos, Brasil e Argentina. Adicionalmente, os outros quatro países que se destacam na produção mundial são: China, Índia, Paraguai e Canadá que, juntos, esses sete países representam cerca de 95% da produção mundial da oleaginosa, segundo dados do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA, maio/15).

FIGURA 3. MAPA DOS PRINCIPAIS PAISES PRODUTORES DE SOJA 2014/2015



FONTE: IMEA

Ao se analisar o cenário de oferta mundial da soja, deve-se avaliar os estoques finais da oleaginosa. Isso porque, verificando esta variável, pode-se obter parâmetro com relação de equilíbrio ou de desequilíbrio entre a oferta e demanda do produto, que poderá afetar não só os preços mundiais da commodity, como também a decisão da quantidade produzida na próxima safra.

FIGURA 4. GRAFICO DA OFERTA E DEMANDA NO MUNDO



FONTE: USDA MAIO/2015

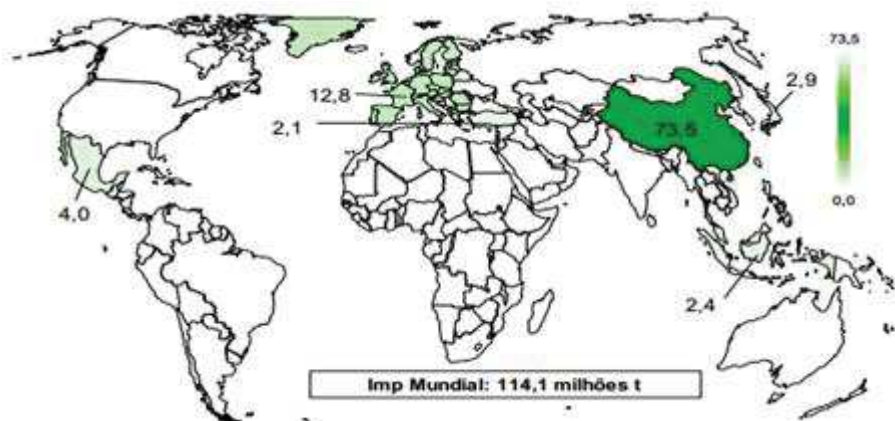
Diante de tal relevância, verifica-se a concentração dos estoques finais mundiais em quatro principais países: Estados Unidos, Brasil, Argentina e China, que juntos representaram 94% do total na safra 2014/15, segundo dados do USDA.

Os estoques vêm crescendo desde a safra 2011/12, principalmente pelo aumento da produção em proporções maiores que o volume mundial de consumo.

4.1.1 Importação

Diante de tal relevância, verifica-se a concentração dos estoques finais mundiais em quatro principais países: Argentina, Brasil, China e Estados Unidos, que juntos representaram 94% do total na safra 2014/15, segundo dados do USDA. Os estoques vêm crescendo desde a safra 2011/12, principalmente pelo aumento da produção em proporções maiores que o volume mundial de consumo.

FIGURA 5. MAPA DOS PRINCIPAIS PAISES IMPORTADORES DE SOJA EM GRÃO 2014/2015.



FONTE: USDA MAIO/2015

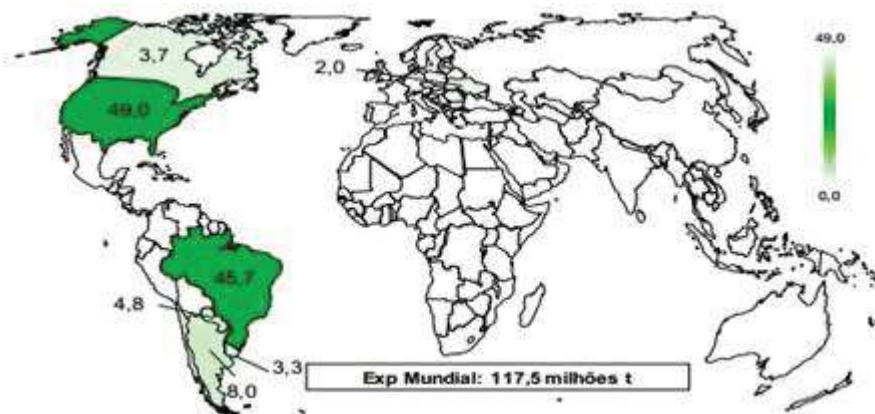
A importação mundial de soja em grão teve uma trajetória crescente na última década. Na safra 2014/15 ocorreu o maior fluxo de importações da história, com um aumento anual de 2,6%.

4.1.2 Exportação

As exportações mundiais de soja vêm crescendo nos últimos anos, acompanhando o ritmo crescente da oferta e do consumo mundial da oleaginosa. Em torno de 40% da produção mundial da safra 2013/14 foi exportada segundo

dados do Departamento da Agricultura dos Estados Unidos (USDA, maio/15). Para a safra 2014/15 da oleaginosa, apesar de o volume exportado ser o maior da história, de 117,5 milhões de toneladas, segundo o USDA, a participação sobre a produção mundial será reduzida para 37%.

FIGURA 6. MAPA DOS PRINCIPAIS PAISES EXPORTADORES DE SOJA 2014/2015.



FONTE: USDA MAIO/2015

Apesar de apresentar uma representatividade mundial bem aquém dos Estados Unidos e do Brasil, a Argentina aparece como o terceiro principal player exportador da soja. Na safra 2014/15 o volume exportado pelos argentinos deve atingir oito milhões de toneladas, apresentando elevação de 2% em relação ao que foi escoado na temporada 2013/14.

FIGURA 7. LOGÍSTICA E CUSTO DE TRANSPORTE DE SOJA



FONTE: USDA MAIO/2015

Os gargalos dos portos brasileiros também apresentam parcela de contribuição para reduzir a competitividade da soja brasileira. Os fatores portuários que mais prejudicam a competitividade das exportações brasileiras são: elevado custo das tarifas portuárias; demanda superior à capacidade instalada dos terminais e armazéns; falta de investimentos na ampliação de instalações portuárias, ocasionando filas de caminhões e navios no período da safra; e a limitação de profundidade, impedindo a atracação de navios de maior porte em alguns portos.

Os custos elevados de transporte da soja acabam refletindo negativamente sobre os preços recebidos pelos produtores, especialmente àqueles localizados em regiões mais distantes dos principais portos, como os do Sul e Sudeste do país. Para se poder ter uma ideia dessa realidade, os sojicultores de Sorriso, por exemplo, distantes cerca de 2.000 km dos principais portos de exportação, pagam de frete valores próximos a 30% do preço recebido pelo produto em 2015.

Apesar de tais gargalos, pode-se dizer que houve uma melhora nas condições dos portos brasileiros desde 2014, sobretudo, no porto de Santos-SP, principal porto de escoamento atualmente no país. Além disso, há atualmente uma nova rota de escoamento de grãos, pelo Norte do país. O porto de Barcarena, localizado no Pará, que começou as suas atividades em 2014, exportou cerca de 630 mil toneladas de soja mato-grossense, representando cerca de 5% do volume escoado pelo Estado na safra 2013/14. Apesar de a representatividade sobre o volume total escoado ser baixa, a expectativa é que a participação deste porto sobre as exportações mato-grossenses aumente nos próximos anos.

4.1.3 Calendário Brasileiro

A balança comercial da soja é bem definida, ou seja, os maiores produtores ocupam os primeiros lugares do lado positivo (oferta), que no caso são os Estados Unidos, Brasil e Argentina. E do lado negativo (demanda) encontram-se a China e a União Europeia.

Os Estados Unidos, situados no hemisfério norte, realiza sua semeadura durante o período citado acima, pois são primavera e verão, respectivamente, quando as condições climáticas são ótimas para o cultivo da oleaginosa. Há uma diferença de algumas semanas em algumas regiões entre as semeaduras da soja e do milho nos Estados Unidos por causa do clima, pois o milho é mais resistente à

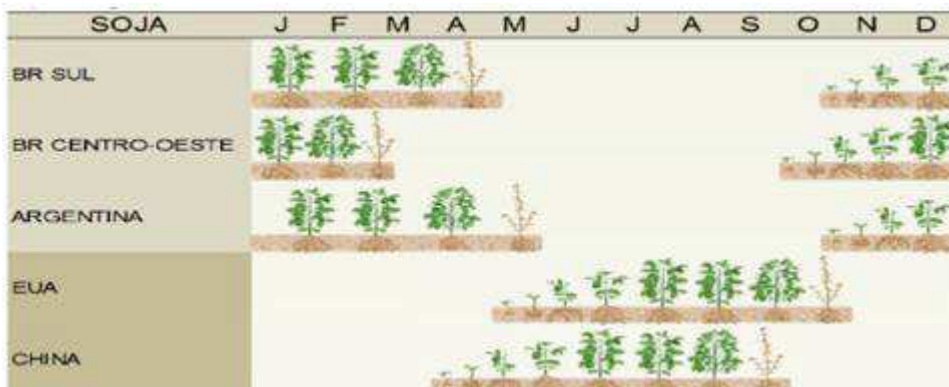
geada no início do seu desenvolvimento e possui um ciclo mais longo que o da soja, necessitando-se, assim, ser semeado antes.

Já no hemisfério sul, a semeadura ocorre em período distinto ao do hemisfério norte, como já mencionado. No Brasil, as duas principais regiões produtoras, Centro-Oeste (destacando-se Mato Grosso), e o Sul (Paraná e Rio Grande do Sul), percebe-se uma diferença no período de semeadura. Em Mato Grosso, alguns produtores dão início aos trabalhos de semeadura logo após o fim do vazão sanitário, que se encerra no dia 15 de setembro, mesmo que as condições climáticas não estejam tão favoráveis. Em setembro, muitas regiões de Mato Grosso ainda não apresentam grande quantidade de chuvas e, por isso, os trabalhos a campo se intensificam em meados de outubro, quando os volumes pluviométricos são maiores.

Na região Sul do Brasil, a semeadura da soja inicia-se em outubro com a sua intensificação a partir de novembro, quando as condições climáticas já estão mais favoráveis. Antes disso, o frio ainda é bastante considerável nas regiões produtoras. Assim, quanto mais ao sul, mais tarde começa-se a semeadura da oleaginosa devido às temperaturas mais amenas antes desse período.

Já na Argentina, o período de semeadura e colheita é bastante parecido com o do Brasil, principalmente com o calendário agrícola dos estados da região Sul, devido às semelhanças climáticas. Assim, a entrada das safras brasileira e Argentina ocorrem em períodos bastante semelhantes, afetando tanto as cotações internacionais da oleaginosa como também o foco da demanda internacional.

FIGURA 8. CALENDÁRIO AGRÍCOLAS DOS PRINCIPAIS PRODUTORES DE SOJA



FONTE: USDA MAIO/2015

Percebe-se que o clima tem fundamental importância no calendário agrícola da soja nos principais players ofertantes, apontando a época de início da semeadura e as variedades mais aptas para determinada região e/ou país. Os principais fatores climáticos que interferem no rendimento do grão, segundo a Embrapa, são os volumes pluviométricos, em que durante todo o seu ciclo a necessidade hídrica ideal deve variar entre 450 milímetros a 800 milímetros, dependendo da variedade cultivada. Além disso, outro fator de grande importância, a temperatura, atua diretamente em todas as fases da cultura. As condições ótimas para a soja estão entre 20°C e 30°C, sendo 30°C a temperatura ideal para o seu desenvolvimento. Ainda segundo a Embrapa, a faixa de temperatura do solo adequada para a semeadura varia de 20°C a 30°C, sendo 25°C a temperatura ideal para a rápida e uniforme emergência das plântulas, além do comprimento do dia (foto período) que também é um fator limitante para o desenvolvimento da planta.

5. Bolsa de Chicago

A Bolsa de Mercadorias de Chicago (CME, sigla em inglês) aparece como a principal para os preços internacionais da soja. Isso porque, na Bolsa de Chicago, há uma alta concentração de ofertantes e demandantes dos principais países produtores e importadores da oleaginosa. Assim, os preços internos da soja possuem uma relação muito próxima com o referencial do mercado futuro (Bolsa de Chicago).

Pode-se entender mercado futuro como um mercado no qual são realizados negócios de compra e venda por meio de contratos uniformes, podendo ser tanto agrícolas quanto financeiros, e sua entrega ou liquidação se dá em data futura já estabelecida no contrato firmado pelas partes.

Os contratos futuros têm como características:

- Vendedor tem a obrigação de entregar a mercadoria dentro dos padrões do contrato, ou fazer liquidação financeira (grande maioria dos casos).
- Comprador tem a obrigação de pagar o valor negociado.
- Padronização acentuada.
- Liquidez.

- Risco de crédito baixo e homogêneo, isto é, risco da “clearing” ou compensação.
- Negociação transparente em bolsa mediante pregão.
- Bolsa e instituições envolvidas garantem a execução e liquidação dos contratos.
- Possibilidade de encerramento da posição com qualquer participante em qualquer momento, graças ao ajuste diário do valor dos contratos.

A escolha da Bolsa de Chicago como referência mundial se dá pela alta concentração da oferta e da demanda dos principais países produtores e importadores neste mercado. Além disso, é a bolsa mais antiga do mundo, fundada em 1848, sendo uma referência consolidada no mercado.

Quando se está negociando no mercado futuro, compra-se ou vende-se por um preço à vista, mas para uma data futura expressa no contrato. Com isso surge o preço futuro, que é o preço à vista mais as expectativas dos agentes em relação aos fatores que afetam o preço futuro, como: custo, demanda e oferta, exportações, preço dos bens substitutos, câmbio, clima, sazonalidade (safra e entressafra), poder aquisitivo, atitudes dos compradores internacionais e também os juros.

O objetivo de operar no mercado futuro é fixar um preço futuro, essa forma de operar é chamada de hedge, livrando-se das oscilações do preço e com isso protegendo o resultado do seu negócio. Além disso, torna-se possível realizar outros tipos de operações neste mercado, como é o caso dos especuladores que visam ganhar com a oscilação do mercado e os arbitradores que ganham com as diferenças de preços que ocorrem entre mercados.

Para realizar uma operação no mercado futuro deve-se abrir uma conta numa corretora afiliada à Bolsa de Mercadorias pretendida (BM&F ou CBOT). Nos sites das bolsas existem listas de corretoras afiliadas, as quais podem ser procuradas para a abertura da conta.

Este processo inicial, geralmente, não possui nenhum custo. Após a abertura da conta o cliente poderá acessar o Home Broker ou uma plataforma de negociação. Através destas ferramentas, o cliente poderá acompanhar momentaneamente as negociações nas Bolsas de Mercadorias. Porém, para realizar alguma operação através destas ferramentas, o cliente deverá depositar uma margem de garantia na sua conta na corretora escolhida.

No caso da Bolsa de Chicago (CBOT), os contratos futuros da soja são patronizados, possuindo uma estrutura previamente definida por regulamentação da bolsa. Nesta padronização, há características predefinidas do produto negociado, no caso, a soja, como a cotação, data de vencimento, tipo de liquidação, dentre outras especificações.

5.1 Cotação Internacional

Apesar de a soja ser colhida, transportada e armazenada a granel, o seu preço de referência no mercado interno é a saca de 60 kg.

Já no mercado internacional (Bolsa de Chicago) a soja é baseada em bushel não em sacas, ou quilos, ou toneladas. O bushel é uma unidade de medida de volume equivalente a um cesto utilizado pelos indígenas nas trocas de produtos. O seu peso específico varia para cada tipo de grão, assim, o peso de um bushel é variável. No caso da soja, um bushel pesa 27,215 kg.

Neste sentido, temos que converter o preço de bushel de soja em quilo para sabermos o preço de uma saca ou de uma tonelada do produto, e depois ainda converter o preço de dólar para reais. Como as cotações da soja em grão na CBOT possuem a unidade de centavos de dólar por bushel ($\text{¢US\$/bushel}$), deve-se primeiramente dividir o valor cotado na bolsa por 100 para verificar o valor da cotação em dólar por bushel ($\text{US\$/bushel}$). Posteriormente, converter de dólar para reais, para então se ter o preço em reais por bushel, e então se converte para saca. Sabendo-se que 1 bushel corresponde a 27,216 kg, para saber quanto que uma saca de soja de 60 kg corresponde em bushel, basta dividir-se o valor de bushel em kg, que correspondente a 27,216, pelo valor de uma saca, que corresponde a 60, assim, dividindo-se 27,216 por 60, tem-se que um bushel de soja corresponde a 2,2046 sacas.

Com isso, basta multiplicar o valor da cotação a ser considerada na Bolsa de Chicago (bushel) por 2,2046 para se ter o valor em saca (de 60 kg).

Por exemplo:

$$\text{US\$}\text{¢} 984,50/\text{bushel} \div 100 \text{ (para tirar de cents)} = \text{US\$} 9,8450/\text{bushel}$$

$$\text{US\$} 9,8450/\text{bushel} = \times 2,2046 \text{ (para transformar de bushel para saca de 60 kg)} = \text{US\$} 21,70/\text{sc}$$

$$\text{US\$} 21,70/\text{sc} \times 3,15 \text{ (para transformar de dólar para saca)} = \text{R\$} 68,47/\text{sc}$$

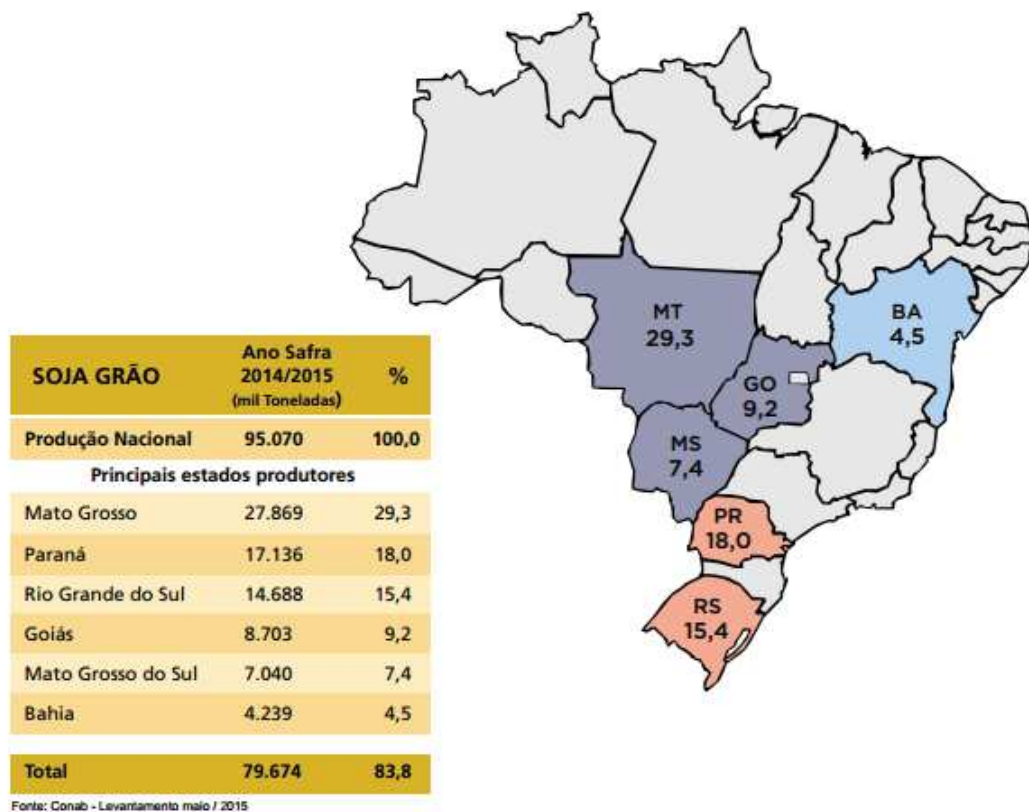
Cabe salientar que os preços da soja e do dólar considerados no exemplo acima são hipotéticos, sendo utilizados apenas para o entendimento do cálculo de conversão.

6. Projeções

A produção de soja no país para 2014/15 está estimada entre 94,0 e 96,0 milhões de toneladas. A produção é liderada pelos estados de Mato Grosso, com 29,3% da produção nacional; Paraná com, 18,0%; Rio Grande do Sul com 15,4%; Goiás, 9,2%; Mato Grosso do Sul, 7,4% e Bahia, 4,5%. Mas, como se observa no mapa, a produção de soja está evoluindo também para novas áreas no Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia, que em 2014/15 respondem por 11,0% da produção brasileira de grãos, que corresponde a uma produção de 10,4 milhões de toneladas de soja.

Essa é uma região situada no Centro-Nordeste do país, e que vem apresentando acentuado potencial de produção de grãos, denominada Matopiba, por estar situada nos 4 estados mencionados. Apesar de suas deficiências de infraestrutura, os preços de terras ainda atrativos, o clima, possibilidade de implantação de grandes áreas e relevo favorável, têm sido alguns fatores que têm motivado investimentos na região.

FIGURA 9. MAPA DOS PRINCIPAIS ESTADOS PRODUTORES DE SOJA



A projeção de soja em grão para 2024/25 é de 126,2 milhões de toneladas. Esse número representa um acréscimo de 33,9% em relação à produção de 2014/15. Mas é um percentual que se situa abaixo do crescimento ocorrido nos últimos 10 anos no Brasil, que foi de 72,8% (Conab, 2015).

O consumo doméstico de soja em grão deverá atingir 54,3 milhões de toneladas no final da projeção. O consumo projeta-se aumentar 22,9% até 2024/25. Essa estimativa está abaixo do crescimento da quantidade processada de soja informada pela ABIOVE (2015), de 39,2% para os últimos 10 anos. A Conab informa para os últimos 6 anos um aumento do consumo de soja da ordem de 17,0%. Deve haver um consumo adicional de soja em relação a 2014/15 da ordem de 10,0 milhões de toneladas. Como se sabe, a soja é um componente essencial na fabricação de rações animais e adquire importância crescente na alimentação humana.

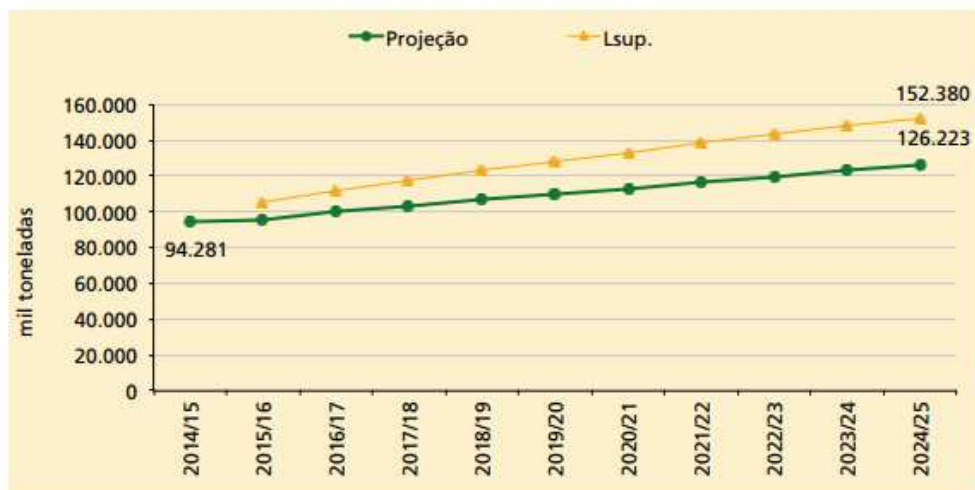
A área de soja deve aumentar 9,7 milhões de hectares nos próximos 10 anos, chegando em 2025 a 41,2 milhões de hectares. A produtividade da soja é considerada pela Abiove como grande desafio nos próximos anos. Essa

preocupação é evidenciada pelo fato de que as projeções da produtividade mostram uma relativa estagnação, cuja média nacional fica em torno de 3,0 toneladas por hectare.

A soja deve expandir-se por meio de uma combinação de expansão de fronteira em regiões onde ainda há terras disponíveis, ocupação de terras de pastagens e pela substituição de lavouras onde não há terras disponíveis para serem incorporadas. Mas a tendência no Brasil é que a expansão ocorra principalmente sobre terras de pastagens naturais (Conab, 2014).

Nas novas áreas do Centro-Nordeste do Brasil, que compreende a região de Matopiba, a área de soja deve se expandir muito segundo técnicos da Conab. As exportações de soja em grão projetadas para 2024/25 são de 66,5 milhões de toneladas. Representam um aumento próximo a 20,0 milhões de toneladas em relação a quantidade exportada pelo Brasil em 2014/15.

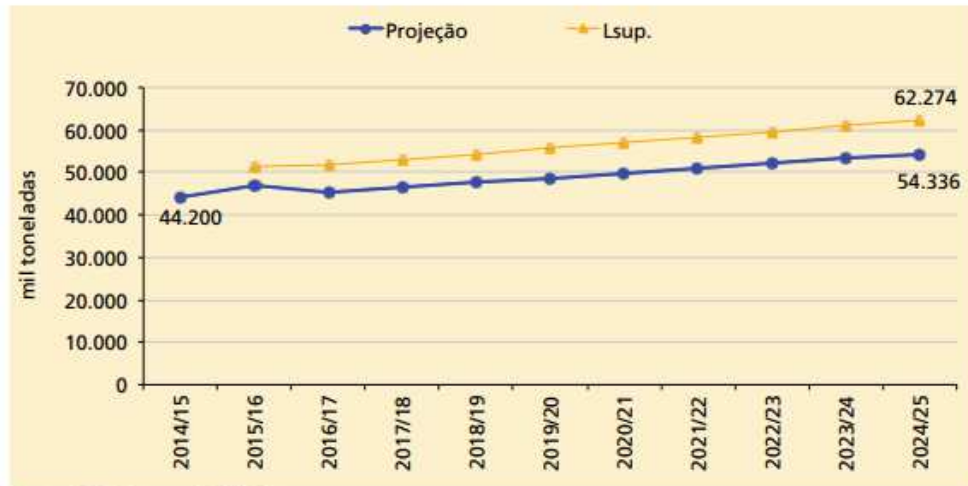
FIGURA 10. PRODUÇÃO DE SOJA BRASILEIRA



Fonte: AGE/Mapa e SGE/Embrapa

Neste gráfico podemos analisar que a produção de soja vem aumentando aos passar dos anos, isso devido aos preços atrativos, aumento do consumo mundial, incremento de produtividade devido às novas tecnologias que estão surgindo.

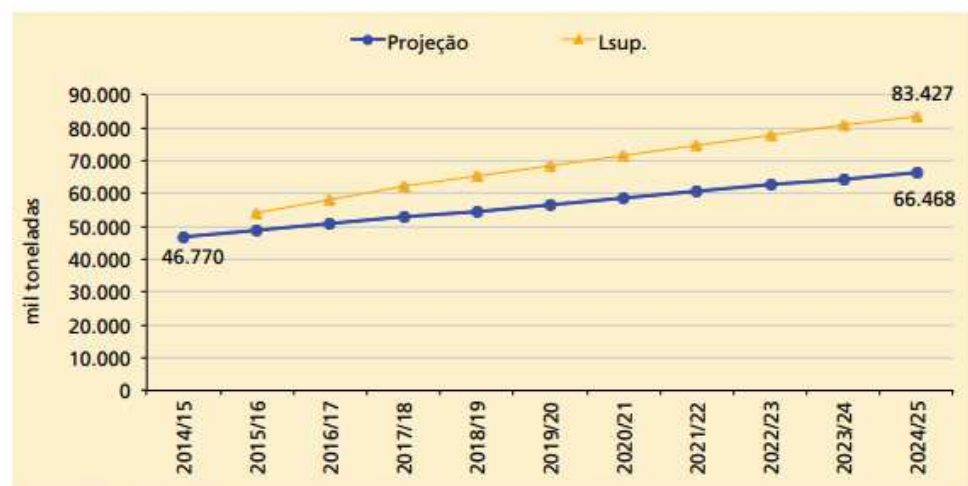
FIGURA 11. CONSUMO BRASILEIRO DE SOJA



Fonte: AGE/Mapa e SGE/Embrapa

O aumento do consumo brasileiro se dá através da grande demanda de farelo de soja para consumo em rações principalmente para aves e suínos, também no consumo humano entre outros usos.

FIGURA 12. EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE SOJA



Fonte: AGE/Mapa e SGE/Embrapa

Neste gráfico analisamos que as exportações brasileiras vem aumentando devido a grande produção interna desse grão e a necessidade de outros países para

suprirem suas necessidades de consumo, vindo ao Brasil para comprarem esse grão. Como o Brasil tem capacidade de produção ainda maior esse número só tende a aumentar.

CONCLUSÃO

O agronegócio tem representado papel importante na economia do país nas últimas décadas. O uso intensivo da tecnologia pelos nossos órgãos de pesquisa contribuiu para o aumento significativo da produção de soja no país. A produtividade aumentou e hoje se consegue plantar mais em um espaço cada vez menor. As projeções indicam que a tendência para o futuro é de um acréscimo ainda maior nos.

A mudança de hábitos alimentares da população, com a introdução da soja na dieta, bem como a forte demanda da China para produção de ração animal para seus rebanhos, e a disparada no preço do produto no mercado internacional tem estimulado o aumento da produção brasileira. Nesse contexto, cada vez mais a eficiência da cadeia logística inerente à comercialização da soja torna-se fator preponderante para redução de custos, aumento das margens de lucro do produtor e melhoria da competitividade do produto brasileiro no cenário mundial. A cadeia de transportes e as operações portuárias ganham importância especial nesse quesito.

A análise da expansão da cultura da soja no Brasil nas últimas décadas deixa evidente o progresso alcançado pela cultura no agronegócio brasileiro. Nesse período, ocorreram mudanças significativas na exploração da cultura, na qual os avanços tecnológicos possibilitaram o cultivo em novas fronteiras agrícolas.

No contexto mundial, o Brasil atingiu a posição de segundo maior produtor do grão, entretanto o principal diferencial em relação aos Estados Unidos e à Argentina, primeiro e terceiro colocados, está na disponibilidade de uma maior área potencial para expansão do cultivo. Especialistas projetam uma produção superior à 105 milhões de toneladas em 2020, o que tornaria o país o principal produtor do grão.

A nova fronteira agrícola conhecida como Mapitoba, vem se destacando na produção de soja nacional. O clima estável, com regime pluviométrico equilibrado e topografia plana, característica do Bioma Cerrado, evidência ainda mais o potencial da região em propiciar retorno satisfatório para os produtores pioneiros que começam a dar os primeiros passos na região.

Na região sul do Brasil a cultura da soja já esta bem consolidada em área, mas na questão de produtividade tem muito a crescer. Com as novas tecnologias

que temos nos próximos anos a tendência é que a produtividade e a qualidade aumentem se baseando com outros países produtores.

Na região de Caçador aonde este trabalho foi feito a cultura da soja vem aumentando a área plantada em função dos preços muito rentáveis do mercado. Por outro lado esbarra na tecnologia usada pelo produtor que os métodos de cultivo vem se aperfeiçoando ao longo dos anos.

BIBLIOGRAFIA

MISSÃO, R. Mauricio. **SOJA: ORIGEM, CLASSIFICAÇÃO, UTILIZAÇÃO E UMA VISÃO ABRANGENTE DO MERCADO.** Maringá: Management, 2006.

FREITAS, M. Marcio. **A CULTURA DA SOJA NO BRASIL: O CRESCIMENTO DA PRODUÇÃO BRASILEIRA E O SURGIMENTO DE UMA NOVA FRONTEIRA AGRÍCOLA.** Uberlândia, 2011.

SILVA, C. Ariana. **A IMPORTÂNCIA DA SOJA PARA O AGRONEGÓCIO BRASILEIRO: UMA ANÁLISE SOB O ENFOQUE DA PRODUÇÃO, EMPREGO E EXPORTAÇÃO.** Maringá, 2010.

ABIOVE – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS DE ÓLEOS VEGETAIS. Disponível em:<http://www.abiove.com.br/menu_br.html>. Acesso em: 20/05/2016.

MOREIRA, G. José. **O MERCADO DE EXPORTAÇÃO DE SOJA E OS PORTOS BRASILEIROS.** Fortiun, 2011.

MARQUES, P. Vicente. **MERCADOS FUTUROS E OPERAÇÕES AGROPECUARIAS.** Piracicaba, S.P., Departamento de Economia, Administração e Sociologia da Esalq/USP, 2006.

ZAMBOM, M. Fabiane. **ASPECTOS LOGÍSTICOS DA EXPORTAÇÃO DE SOJA BRASILEIRA.** Florianópolis, 2013.

Ministério da Agricultura Pecuária e Abastecimento. **Projeções do Agronegócio Brasileiro.** Brasília, 2015.

VALARINI, P. Juliana. **O MERCADO DA SOJA: EVOLUÇÃO DA COMMODITY FRENTE AOS MERCADOS INTERNACIONAL E DOMÉSTICO.**

CASTILLO, Vencovsky. **A SOJA NOS CERRADOS BRASILEIROS: NOVAS REGIÕES, NOVO SISTEMA DE MOVIMENTOS**, 2004, p. 1-4. Disponível em: <<http://www.comciencia.br/200404/reportagens/16.shtml>> Acesso em: 27 de maio. 2016.

RODRIGUES, R. Marcos. **A AGRICULTURA BRASILEIRA NOS OLHOS DO MUNDO**, Revista de Política Agrícola, Outubro/2005 (Edição especial), p. 3.